

PERFIL

José Ribamar Ferreira de Araújo Costa

Atacado, angustiado, indeciso — e sozinho

BARTOLOMEU RODRIGUES

O presidente José Sarney desabou, em entrevista a O Estado, em dezembro, a angústia que vem carregando desde o momento que passou a ser o maior colecionador de fracassos da República. "Só eu é que pago por tudo. Não é justo", foram as suas palavras dias antes de embarcar para a ilha de Curupu, no litoral do Maranhão, onde construiu o retrato fiel de final de governo: um presidente isolado.

O isolamento do presidente, ele próprio admite, é fruto de incontáveis crises — uma marca registrada de sua administração —, a maioria delas mal conduzidas e que acabaram por pulverizar completamente a Aliança Democrática herdada de Tancredo Neves.

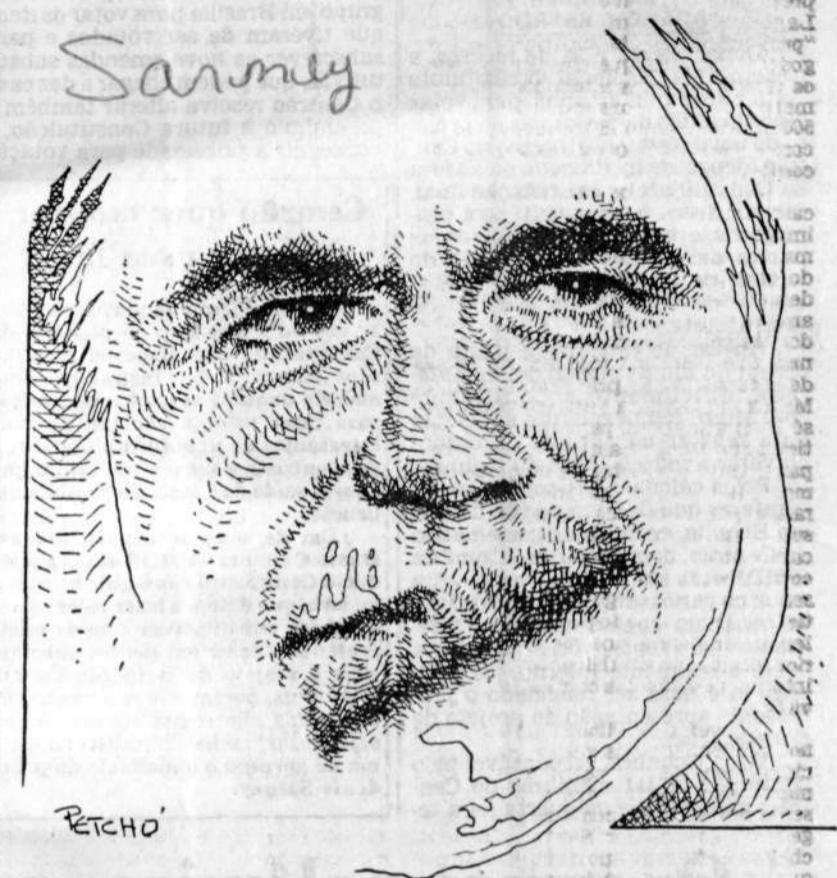
"Ainda não tive um momento de sossego", confessa o presidente, depois de promover, sem êxito, três choques na economia para debelar os altos índices inflacionários. Os choques saíram pela culatra, provocando sobressaltos em todo o governo.

Mas apesar de ver frustradas as possibilidades de entrar para a História como o presidente que acabou com a inflação, e comprometida a sua opção pelos pobres, José Sarney, desde abril último, tratou de orientar o seu governo com um único propósito: fincar de Brasília a Açaí-lândia, no Maranhão, 1.800 quilômetros de trilhos, no mais ambicioso projeto ferroviário do País. A ferrovia Norte-Sul, traçada por Sarney para ser executada pelo ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares (um dos poucos "intocáveis" entre os ministros do governo), tem um custo total estimado em US\$ 2,5 bilhões e conta com Cz\$ 8 bilhões no orçamento de 1988 para as obras dos primeiros trechos.

Sob a emoção de um comício público realizado em outubro em Porangatu, interior de Goiás, o presidente deixou cair um líquido polêmico pelo canto do olho direito — seria uma lágrima ou o suor que descia da testa? A resposta acabou sendo a lágrima, diante do juramento solene que Sarney fazia, naquele momento, de público: voltar a Porangatu, em 88, para inaugurar o primeiro trecho da Norte-Sul. "Doa a quem doer" virou lema do presidente, que considera a ferrovia como uma questão de honra.

No palácio do Planalto, quem conhece o presidente de perto sabe que há muito ele está governando com os olhos voltados para o Maranhão, reduto eleitoral onde deseja manter ileso da crise do resto do País e consolidar projetos políticos envolvendo interesses da família. Com fama de jamais ganhar eleição em São Luís, Sarney teme transferir para Sarney Filho, cujo sonho é governar o estado, o estigma do fracasso.

Na verdade, para entender o presidente Sarney é preciso entender um pouco o Maranhão, que divide a influência de duas regiões pobres — o Norte e o Nordeste. Mesmo



imorto! na Academia Brasileira de Letras, o presidente acha que o fato de ser oriundo de um estado paupérrimo acabou pesando contra ele, quando saiu da sombra do mineiro Tancredo Neves para ocupar a Presidência da República. O cargo poderia ter ficado com o pernambucano Marco Maciel, se tivesse aceitado a vice-presidência. Maciel é de um estado que, embora nordestino, tem mais status na tradição política nacional. "Eles não me perdoam por eu ter passado por cima do cadáver de Tancredo Neves e chegado ao poder", confessaria tempos depois o presidente Sarney, sem contudo identificar os adversários políticos cultivados dentro do PMDB, partido com o qual nunca conseguiu identificar-se plenamente.

O PMDB se afastou do presidente na medida em que foi crescendo a impopularidade do governo. O PFL também fez o mesmo, e Sarney saiu de uma aclamação popular sem precedentes, registrada na euforia do Cruzado, em 86, para rolar as escadas da desgraça em 87. Em 5 de junho, o presidente foi apedrejado no centro do Rio. Na versão do Planalto, Sarney sofreu um atentado. Os autores foram identificados mas ninguém foi preso ou condenado.

A CRONOLOGIA DO FRACASSO

Durante 1987 o presidente preparou o País para duas grandes reformas ministeriais que dariam um novo perfil ao seu governo. Segundo ele próprio, as "injunções políticas" abortaram o projeto. Depois de demitir Dilson Funaro do Ministério da Fazenda e escolher para o cargo o governador do Ceará, Tasso Jereissati, ele esbarrou no veto do deputado Ulysses Guimarães. Cedeu e entrou Bresser Pereira, que sete meses depois pediria para sair.

Mesmo sem promover reformas profundas no ministério, o entrasai do governo no ano passado foi intenso. Foi também o ano do rompimento da Aliança Democrática, provocada pela não-nomeação de Carlos Wilson, ligado ao governador de Pernambuco, Miguel Arraes, para a Sudene, e do repúdio, pela Comissão de Sistematização da Constituinte,

da proposta de mandato de cinco anos — um sonho que Sarney ainda embala no silêncio que prometeu manter sobre temas políticos.

Hoje, o trânsito de políticos no Gabinete do presidente Sarney é fraco, limitado a poucos parlamentares que sempre se mantiveram fiéis à sua política. Um deles, o deputado Prisco Viana, virou ministro da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente. Sarney, desde outubro, tenta cumprir outro juramento solene, de governar sem a influência dos partidos.

Para vários assessores palacianos, que evitam ser identificados, o presidente Sarney foi inábil na maioria das crises e não teve pulso para resgatar a popularidade de antes. Conta-se que Sarney, de personalidade introspectiva, tido como um homem indeciso, pensa mais do que o necessário antes de dar um murro na mesa. No fundo, teme pelas consequências, que podem ser uma mão fraturada ou uma mesa quebrada. Todos esperam o dia em que uma ou outra coisa aconteça, avaliando que qualquer um dos resultados seria bem melhor do que a imagem de um governo impassível, enquanto tudo à sua volta desmorona.

As crises de indecisão do presidente já foram motivo de muita dor de cabeça para os assessores de imprensa do Palácio. Dois porta-vozes — Fernando César Mesquita e Frota Neto — tentaram vender uma boa imagem do presidente ao País, mas não tiveram sucesso.

O porta-voz atual, ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, tenta agora justificar o recente pacote fiscal — outro forte componente da impopularidade do presidente da República. Nos contra-cheques de dezembro, os assalariados sentiram na carne a fome do leão, que muitos já rebatizaram de "Sarney". E o empresário, também descontente com as medidas, promete um novo ano agitado para o presidente, que, de quebra, ainda terá de escolher um novo ministro da Fazenda.